

# Para estimular a escrita científica

Resenha escrita por Elimar Pinheiro do Nascimento\*

\*Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, do Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.  
E-mail: [elimarcds@gmail.com](mailto:elimarcds@gmail.com)

doi:10.18472/SustDeb.v7n1.2016.18139

## RESENHA

**Howard S. Becker. *Truques da escrita. Para começar e terminar teses, livros e artigos*. São Paulo: Zahar, 2014. 253 p. Tradução de Denise Bottmann; revisão de Karina Kuschnir. ISBN 978-85-378-1394-2**

Howard Samuel Becker (1928) herdou a tradição da primeira escola de sociologia dos Estados Unidos, fundada ainda no século XIX, em Chicago, Illinois onde ele nasceu e se formou: a corrente sociológica do interacionismo, assim chamada por privilegiar as relações sociais em microespaços. Fez sua carreira na Northwestern University, também localizada em Illinois. Aos poucos, tornou-se um dos sociólogos mais premiados e citados. É conhecido, entre outros atributos, pelo estilo informal e claro de escrever.

Ele esteve no Brasil várias vezes, uma delas, em 1990, a convite do Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Becker tem diversos livros traduzidos e publicados no Brasil, entre os quais: *Uma Teoria da Ação Coletiva* (1997); *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais* (1999); *Segredos e Truques da Pesquisa* (2007); *Outside: Estudos de Sociologia do Desvio* (2008), *Falando da Sociedade* (2009) e *Truques da Escrita* (2014). É ainda coautor e organizador de várias outras obras, como *História do Pensamento Social*. Publicou em Portugal outros livros em português, como *Os Mundos da Arte*.

A edição brasileira de *Truques da escrita* reúne os 10 capítulos das edições anteriores, inglesa e francesa, mas contém um prefácio especial. Neste, o autor revela o coração de seu livro, referindo-se aos estudantes: "... as dificuldades que você enfrenta para escrever não são culpa sua nem resultado de uma inabilidade pessoal. A organização social na qual você escreve está criando essas dificuldades para você (p. 8)." Trata-se de estímulo para os que estão iniciando na "arte" de escrever e publicar. Temo, porém, que não seja completamente verdadeiro no caso brasileiro. Nossos estudantes, diferentemente dos norte-americanos e franceses, têm graves deficiências que provêm da frágil educação básica. Contudo, isso não deve desestimular nin-

guém, porque o que não se aprendeu no passado pode-se aprender no presente ou no futuro. Esses problemas são resolvíveis com aulas e oficinas de redação, pouco comuns em função das dificuldades ligadas à organização em que o estudante está inserido, que condiciona os seus comportamentos, no mais das vezes sem que ele tenha noção disso.

*Truques da escrita* foi publicado originalmente em 1986, pela The University of Chicago Press.<sup>1</sup> Em 2004, foi traduzido para o francês, pela Editora Economica.<sup>2</sup> Utilizei essa versão em 2010 para elaborar a primeira versão destas notas, que foram úteis para produzir um pequeno livro sobre a oficina de escrita científica,<sup>3</sup> junto com colegas do CDS.

Apesar dos mais de 25 anos que nos separam da primeira edição deste livro ele ainda guarda um caráter atual. A sua relevância para nós, brasileiros, é acrescida pelo fato de que, hoje, as publicações são um dos componentes com mais peso para a avaliação dos programas de pós-graduação, incluindo a produção discente.

A minha experiência de mais de 20 anos lecionando no curso de pós-graduação em sociologia (UFPB e UnB) e pouco mais de 15 na pós-graduação em desenvolvimento sustentável, me mostra que continuam a existir as dificuldades de mestrandos e doutorandos para escrever suas dissertações e teses. Para enfrentar essas deficiências, aliás, alguns programas têm criado oficinas de escrita científica direcionadas aos seus alunos.

Becker informa que *Truques da escrita* surgiu a partir do sucesso de um seminário de escrita científica que ele ofereceu a pós-graduandos na Northwestern University. O livro é focalizado, sobretudo, nos problemas que advêm da produção de diferentes gêneros de textos (artigos, livros, capítulos de livro, teses, dissertações) nas ciências sociais, mas serve igualmente para áreas afins.

Becker não trata de técnicas de redação, mas das dificuldades e dos defeitos de escrita mais comuns dos cientistas sociais. Dá sugestões sobre como superá-los. Ele sabe que muitas dificuldades são relativamente comuns - o medo da exposição ao ridículo, a busca por frases genéricas, a fuga da definição dos sujeitos da ação, a ansiedade da primeira página, a angústia em torno da solidão do ato de escrever. Igualmente interessante é como Becker identifica os ritos adotados pelos estudantes e pesquisadores: “os sociólogos que não conseguiam lidar racionalmente com os perigos de escrever usavam sortilégios mágicos, que os livravam da ansiedade, embora não afetassem o resultado” (p. 24).

O sucesso das prescrições de Becker deve-se, em parte, ao seu método de ensino completamente livre e prático, centrado no trabalho dos estudantes; mas esse sucesso vem também do seu reconhecimento de que os cientistas sociais, e particularmente os sociólogos, escrevem mal. Em geral, redigem de forma pouco compreensível. Comumente, os seus textos são repletos de vozes passivas, sujeitos ocultos, frases longas, substantivos genéricos, adjetivações excessivas e repetições desnecessárias. Há ainda os períodos excessivamente longos, que mais complicam o sentido do que esclarecem, e frases ocas, imperdoáveis. Estas últimas, segundo Becker, têm o propósito aparente de esconder o fato de que o autor não tem muito a dizer. Parte dessa expressão canhestra deve-se às fragilidades conceituais, metodológicas e teóricas dos mestrandos e doutorandos. Outra causa é a pomposidade e arrogância que alguns usam com as finalidades de esconder as suas próprias ignorâncias e de dar um ar científico aos seus textos vazios.

Becker mostra que as dificuldades de escrever uma tese ou um artigo têm múltiplas origens, variando segundo cada indivíduo. O autor analisa um exemplo no segundo capítulo. Alguns estudantes, e mesmo professores, pensam que um texto científico deve necessariamente conter elementos pouco compreensíveis, porque eles iniciaram a sua vida escolar admirando os seus professores que falavam e/ou escreviam coisas que eles não entendiam bem. Nunca imagina-

ram que esses textos ou essas falas poderiam ser simplesmente confusos! Pensavam, ao contrário, que eles não detinham o conhecimento necessário para compreender os seus professores. Como diz a personagem do capítulo 2: “A maneira como as pessoas escrevem - quanto mais difícil o estilo da escrita – mais intelectuais elas aparentam ser” (p. 54).

Becker denuncia que esses estudantes pensam que escrever de forma simples e clara é quase que a anti-ciência. No mínimo, é algo sem classe, banal. O raciocínio é simples: a linguagem sofisticada tenta demarcar a distinção entre os intelectuais e as pessoas sem instrução. Se os doutorandos almejam ser reconhecidos como intelectuais, eles pensam que devem procurar escrever da mesma forma que os seus professores. Na maioria das vezes, o resultado é um texto repleto de “sociologuês” ou “economês”, que apenas os iniciados compreendem, e uma boa parte compreende mal. Muitas vezes, trata-se apenas de um texto mal escrito. O curioso, conforme destaca Becker, é que um texto escrito de forma complicada tende a dar mais trabalho do que um texto simples, claro e objetivo. Mas, para esses “iniciados”, parece que não.

Becker chama a atenção para o fato de que os estudantes universitários não aprendem a escrever artigos científicos ao longo da graduação porque costumam escrever pequenos textos, de última hora, sobre temas escolhidos pelo professor, e lidos apenas por ele, quando muito. Isso leva à produção, portanto, de um texto desinteressante, escrito para nenhum leitor e de uma única canetada. A situação é muito distinta, destaca Becker, quando os alunos são de um curso de doutorado. Neste caso, eles têm que escrever uma tese, em geral em torno de 200 páginas, sobre tema escolhido por eles e que será lido por colegas e professores, além de profissionais do ramo. A tese será o seu primeiro cartão de apresentação no mundo profissional, no qual, muitas vezes, estão prestes a ingressar. As dificuldades surgem das falhas anteriores de aprendizado, pelo fato de não terem aprendido as técnicas de redação, em particular a reescrita.

Ao ingressar na pós-graduação, muitos mestrandos e doutorandos não fazem ideia do que seja escrever uma tese ou um artigo científico. Não fazem ideia, sobretudo, de que os bons textos publicados (livro, artigo, tese) nunca foram escritos de um só jato, em um rompante, como os trabalhos escolares. Os bons livros e artigos de ciências sociais (ou socioambientais) são escritos e reescritos, e lidos por outros, que fazem críticas e sugestões. Em parte, os congressos e seminários científicos têm essa função: permitir ao autor uma primeira apresentação de seu trabalho. É uma submissão coletiva à crítica.

Outro entrave à escrita de doutorandos e mestrandos é a consciência do risco de se expor por escrito, de ser objeto de crítica e rejeição por seus pares ou futuros pares. Becker argumenta que eles têm receio de submeter os seus escritos aos colegas, antes de enviar para publicação ou apresentação. De fato, eles têm um pouco de razão. Escrever (e publicar) é arriscado, mais ainda quando se pertence a uma comunidade competitiva, na qual o olhar dos outros é essencial para formar a sua imagem de profissional. Nesse ambiente, confiar nos outros é uma temeridade.

O risco é maior, segundo Becker, quando se expõe a primeira versão de um escrito, ou um simples esboço. Dificilmente os professores universitários e intelectuais fazem distinção entre texto em construção e texto pronto para publicação. O problema da pouca confiança entre os pares, por outro lado, sabota o espírito da liberdade do pensamento, da criatividade. Somos, permanentemente, convidados a pensar e agir como os outros, de forma padronizada e esperada.

Becker não discute regras técnicas de redação, mas pode-se apreender, aqui e acolá, “dicas” interessantes que nascem da forma que ele adotou em suas aulas de escrita. Por vezes, uma aula inteira é dedicada a retrabalhar um texto, reduzindo-o de quatro para duas páginas, quando não, a página e meia. É útil, e divertido, ver como ele troca expressões vagas por outras mais claras e objetivas, como, por exemplo: “poderiam se dar ao luxo de não se preocupar a respeito

de” por “não precisam se preocupar com” (p. 52). Sem a pretensão de fazer um balanço dos trabalhos sobre a arte da escrita, o autor cita muitas obras úteis para quem quer se aprofundar no tema.

Como prometido desde o início do livro, Becker mergulha nas dificuldades de definir o objeto de pesquisa e do trabalho de campo e nos cuidados necessários ao anotar as observações, as falas, os comportamentos. Essas anotações são veículos de informação sobre o objeto de estudo. O autor trata, igualmente, das dificuldades de expor os resultados de pesquisa.

Becker defende algumas ideias originais para a época em que o livro foi escrito, entre as quais a de que nem sempre a pesquisa antecede, em sua totalidade, a escrita. Ele nega que exista uma linearidade: pesquisa, plano de redação, redação e revisão (finalização). Em suas aulas, ele percebeu que a prática de escrita é entremeada por ritos e procedimentos que nada têm a ver, objetivamente, com o sucesso da escrita. Muitas vezes é necessário, depois de algum tempo de pesquisa e de anotações diversas, jogar as ideias no papel, esboçar a tese ou artigo, para depois identificar as lacunas teóricas e de dados. Em seguida, o estudante ou pesquisador deve retornar à pesquisa, buscar elementos teóricos, refinar a metodologia e, enfim, reescrever o material. Claro que, nesse campo, como em outros, não há uma receita única. Escrever é um rito muito pessoal. Cada escritor desenvolve os seus cacoetes próprios. Mas, uma coisa é comum: ninguém escreve um texto científico de uma única vez. A reescrita é essencial.

As proposições de Becker guardam um risco que não podemos omitir: o de empobrecimento vocabular e gramatical. A busca de precisão e objetividade, da clareza, do “fácil de ser lido e compreendido”, pode nos conduzir a escrever com um vocabulário cada dia mais pobre, ingresando no mundo da banalidade, presente inclusive na literatura contemporânea. É um risco que o doutorando e o mestrando devem ter em mente para alcançar o equilíbrio entre a clareza e a beleza, a objetividade e a estética. Em função da relevância da precisão, no texto científico a regra de ouro é: “não existe sinônimo”, porém, nas ciências sociais e socioambientais esta regra não pode ser assumida em todo o seu rigor.

As sugestões contidas em *Truques da escrita* podem ser úteis para o estudante ou pesquisador superar as dificuldades da escrita, mas apenas conhecê-las não vai resolver os seus problemas, pois como lembra o autor “Você as leu, mas continuam a ser minhas. Enquanto você não se apropriar delas através do uso constante, estará apenas se esquivando do trabalho de mudar de hábitos (p. 230)”.

## NOTAS

<sup>1</sup> Writing for social scientists: How to Start and Finish Your Thesis, Book, or Article. Chicago, Illinois: The University of Chicago Press, 1986

<sup>2</sup> Écrire les sciences sociales: commencer et terminer son article, sa thèse ou son livre. Paris: Ed. Economica, 2004

<sup>3</sup> Marcel Bursztyń; Jose Augusto Drummond; Elimar Pinheiro do Nascimento. Como escrever (e publicar) um trabalho científico. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.